

indigo

&

LAERTE



Contos
da
Toca

Contos da Toca

Texto de *Índigo*

Ilustrações de **LAERTE**

GOBINHO



CARANGUEJO CASCUÇÃO

Numa praia distante das Filipinas, vivia um caranguejo chamado Câmara Cascudo. Seu apelido era Cascudão.

Cascudão era um cara quieto. Vivia escondido, embora morasse na praia mais maravilhosa do planeta. Uma praia que ficava num lugar difícil de chegar. A viagem até lá era cara e demorada. Para chegar à ilha do Cascudão, a pessoa tinha de pegar avião, navio, lancha e balsa.

Mesmo assim, muitos humaninhos chegavam. Tiravam mil fotos, faziam poses, gravavam vídeos. O lugar atraía especialmente os noivos apaixonados. Cascudão ficava escondido atrás de uma pedra, só observando. Ele achava tudo aquilo ri-dí-cu-lo.

Mas no dia em que os humaninhos sumiram, pela primeira vez na vida Cascudão pôde ter a praia só para ele! Pôde sair da sua toca e pisar na areia. Cascudão arrancou a concha e ficou peladão. Sacou o celular e fez todas aquelas poses que considerava ri-dí-cu-las, imitando com perfeição o jeito dos turistas. Fez caras e bocas, e ficou impressionado em ver como saiu supergato nas fotos. Com os humaninhos entocados em casa, Cascudão se sentiu o caranguejo pop! Compôs um funk contando sua história. Inventou até uma dancinha para acompanhar: patas para cima, dois passinhos para cá — uma paradinha — dois passinhos para lá. Cascudão nunca se sentiu tão livre na vida. Ele decidiu nunca mais voltar para a casca, nem para a toca. Virou nudista, com músculos definidos e bronzado sem marquinha.

Tempos depois, quando os primeiros humaninhos voltaram a frequentar a “sua” praia, Cascudão se aproximou, todo peladão e sorridente. O dono do pedaço. Tinha perdido a timidez.

Só que a visão de um caranguejo descolado e pelado foi estranha demais. Os humaninhos ficaram com receio. Seguindo um instinto de preservação muito sábio, eles se mudaram para a praia ao lado e nem se atrevem mais a invadir a praia do Cascudão. Vamos torcer para que continue assim.

URSA ÚRSULA

No remoto Polo Norte, vivia uma ursa chamada Úrsula Bear. Ela era a matriarca de uma linda família de ursos fortes e branquinhos que moravam num lugar maravilhoso, ao menos para o gosto dos ursos. Era gelado, molhado, com ventos fortes e gelados. Bem gelado mesmo. Mas eles achavam uma gostosura.

Úrsula Bear era conhecida por seus sábios conselhos de vovó. Ela tinha vivido muito, tinha visto coisas de arrepiar e sempre manteve uma atitude positiva. Quando chegaram as primeiras notícias da pandemia, muitos ursos correram para a toca da dona Úrsula. Sim, pois embora humaninhos pensem que ursos são monstruosos e insensíveis, eles têm sentimentos. Eles também ficaram aflitos com o que estava acontecendo.

Úrsula Bear recebeu todos eles. Assou bolinhos de fubá e ouviu com toda paciência. Depois, serviu chocolate quente com pedacinhos de marshmallow. Ela sempre tinha uma palavra de conforto, acompanhada de dicas práticas.

Dona Úrsula era uma criatura prática. Tinha uma receita infalível.

Acreditava que uma boa noite de sono resolve tudo na vida.

Dizia assim: “Dooorme, filho. Dorme que passa”.

Para alguns ursos, ela recomendava três dias e três noites de sono direto.

Para outros, um mês. Para outros, quatro meses direto.

“Come e dorme”, é o que Úrsula Bear dizia.

Os ursos saíam da toca de dona Úrsula sentindo-se melhor. Voltavam para as suas próprias tocas, enchiam a pança e depois dormiam pesado, roncando e babando, feito ursos. Por dias, semanas ou meses seguidos, sem culpa. Quando acordavam, os problemas tinham passado.

RENA RENATA

Lá para as bandas da Lapônia vivia uma rena chamada Renata. Ela tinha emprego fixo com o sr. Papai Noel, o grande empregador da região. Renata levava a vida que toda rena pede a Deus. Seu ano era dividido em: três meses de treinamento, três meses de ensaio, uma noite de trabalho puxado e seis meses de férias. Um cronograma generoso, como era do feitio do sr. Papai Noel. O bom velhinho sabe que renas felizes voam melhor. Sim, pois Renata voava. Esse é um pré-requisito básico para o trabalho de rena natalina.

Certo dia, a rena Renata estava fazendo um workshop sobre “delivery eficiente”, num ritmo tranquilo de aprendizagem, quando o sr. Papai Noel entrou pela porta, em trajes comuns do dia a dia: macacão jeans e galochas. Informou que a lambuja de férias de seis meses por ano estava suspensa. Os tempos tinham mudado. A humanidade precisava de ajuda. Agora as renas teriam de trabalhar todos os dias, fazendo delivery de tudo quanto é coisa.

Rena Renata ficou passada. Ela teria de entregar pizza também? Fora de época? Pizza em junho? Achou a proposta absurda. Mas o sr. Papai Noel foi firme. Teriam de entregar pizza em junho, sim, produtos de supermercado no mês que fosse necessário, medicamentos e galões de água. Não teria jingle, ho-ho-ho nem os salamaleques todos. Agora o negócio era sério. Rena Renata cruzou as patas dianteiras e disse que não. Ela era uma rena mágica de Natal. Não apenas ela, mas várias renas se recusaram a fazer delivery. Renas são um bicho teimoso. Não teve conversa.

Sem alternativa, o sr. Papai Noel se viu obrigado a abrir um programa de aposentadoria precoce para as velhas renas natalinas.

Agora a rena Renata vive num refúgio maravilhoso para renas aposentadas. E o sr. Papai Noel está se sentindo revigorado por poder contribuir com a humanidade o ano todinho. No fundo, ele sempre achou mesquinho dar as caras apenas em dezembro.